



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 7, número 1, jan.-abr. 2018

O AMOR INCONDICIONAL NO CONTO “A CAOLHA”, DE
JÚLIA LOPES DE ALMEIDA



UNCONDITIONAL LOVE IN THE TALE “A CAOLHA”, BY
JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Lucimara Grando MESQUITA
INSTITUTO FEDERAL SUDESTE DE MINAS GERAIS –
CAMPUS SÃO JOÃO DEL-REI, Brasil

Ozana Aparecida do SACRAMENTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Brasil

Janaina Faria Cardoso MAIA
INSTITUTO FEDERAL SUDESTE DE MINAS GERAIS –
CAMPUS SÃO JOÃO DEL-REI, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 20/11/2017 • APROVADO EM 09/04/2018

Resumo

A *Caolha*, conto escrito por Júlia Lopes de Almeida, reforça o estereótipo de mãe, no qual o amor incondicional está presente. Nesse sentido, propõe-se a análise dos mecanismos empregados pela autora, a fim de desafiar os paradigmas ainda hoje impostos à maternidade. Pautando-nos na crítica feminista, define-se como objetivo geral analisar a contestação dos paradigmas maternos, empreendida no conto em questão, e como objetivos específicos: a) compreender o relacionamento entre os personagens a Caolha e Antonico, e o amor incondicional daquela pelo filho; b) identificar as estratégias empregadas por Júlia Lopes, a fim de mostrar o quanto a mãe foge aos padrões da sociedade da época, uma vez que, além de ser mulher, cria seu filho sozinha, sofrendo diversas humilhações por parte de uma sociedade conservadora; e c) verificar até que ponto a maternidade pode ser considerada uma imposição e não um instinto. Para o cumprimento dos objetivos, será realizada a análise do enredo do conto, buscando-se elencar os elementos que representem o universo materno através da problematização da maternidade, tendo como referência o livro *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, de Elisabeth Badinter, o qual possibilitará entendermos o amor incondicional da Caolha para com seu filho. Da mesma forma propomos analisar a situação da mulher presente na sociedade contemporânea conforme vista nos estudos de Adriana Piscitelli, assim como o preconceito sofrido por ela ao ter que criar seu filho sozinha.

Abstract

A *Caolha*, short story by Júlia Lopes de Almeida, reinforces mother stereotype where unconditional love is present. In this sense, we propose the analysis of the mechanisms employed by the author, in order to challenge the paradigms still imposed on maternity. Our focus is on the feminist critique, the general objective defined is to analyze the challenge of the maternal paradigms, undertaken in the present story, and as specific objectives: a) to understand the relationship between the characters Caolha and Antonico, and the mother's unconditional love for her son; b) to identify the strategies employed by Júlia Lopes in order to show how much the mother escapes the standards of the society of the time, since, besides being a woman, she raised her child alone, suffering various humiliations on the part of a conservative society and; (c) check how motherhood can be considered an obligation and not an instinct. To achieve the objectives, the analysis of the story of the plot will be held, seeking to list the elements that represent the maternal universe through maternity questioning, with reference to the book *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, by Elisabeth Badinter, which will enable us to understand the unconditional love of Caolha to her son. In the same way, we propose to analyze the situation of women present in contemporary society according to the studies of Adriana Piscitelli, as well as the prejudice suffered for mother having to raise her child alone.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: A Caolha. Maternidade. Amor incondicional.

KEYWORDS: A Caolha. Maternity. Unconditional love.

Introdução

No conto *A Caolha*, o estereótipo de mãe é reforçado, uma vez que a protagonista é uma mulher que suporta tudo em nome do amor pelo filho. Porém esse filho, apesar de amar a mãe, envergonha-se dela devido a uma doença no olho esquerdo, o qual soltava um pouco de purulência, causando certa repulsa nas pessoas.

O conto também mostra uma preocupação com o papel da mulher diante da sociedade, pois relata situações vividas pela personagem que foge dos padrões da época, na qual ela tem que enfrentar, além do preconceito por ser pobre e apresentar uma deficiência física, ser viúva e ter que cuidar de seu filho sozinha. São muitas as dificuldades pelas quais a protagonista tem de passar para conseguir criar esse filho.

Sendo assim, este artigo se propõe a contribuir com uma breve discussão sobre até que ponto o amor de mãe pode superar e passar por cima de tantos sofrimentos e humilhações por causa do filho e, ao mesmo tempo, analisar um dos principais valores presentes na personagem Caolha, a abnegação. Da mesma forma, propomos analisar a situação da mulher presente na sociedade contemporânea, assim como o preconceito sofrido por ela ao ter que criar seu filho sozinha.

Para alcançar esse propósito, será realizada, primeiramente, uma breve apresentação biográfica da autora da obra e em seguida a análise do enredo do conto em questão, buscando-se elencar os elementos que representem o universo materno através da problematização da maternidade, tendo como referência o livro *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, de Elisabeth Badinter, o qual possibilitará entendermos o amor incondicional da Caolha para com seu filho.

1 Referencial teórico

Entre os estudos que fundamentam o presente artigo, destacam-se aqueles voltados às relações da maternidade. No âmbito de tais estudos, concede-se destaque às considerações do texto de Elisabeth Badinter, *Um Amor Conquistado: o mito do amor materno*, no qual ela afirma que o amor materno é um construto sociocultural e desfaz o discurso de que o amor materno é inato à mulher. Para a autora, o amor materno é construído no dia a dia, através da convivência. Dessa forma, o amor inato, visto como instinto materno, não seria um instinto natural da mulher. Assim, esse amor inato seria uma forma de subjugar a mulher, uma vez que a sociedade está sempre à espera de um comportamento ideal de mãe atrelado às necessidades da coletividade.

Assim como o texto anterior, Cristina Maria Teixeira Stevens, em *Ressignificando a maternidade: psicanálise e literatura*, também discorre sobre a

opressão da mulher através da maternidade, no qual a função biológica é uma das causas responsáveis pela divisão do trabalho, não pela incapacidade física da mulher, mas pela necessidade que a mãe precisa ter para cuidar de seu filho após o nascimento.

O conto *A Caolha* começa relatando a história de uma mulher que vive em função da maternidade. A sociedade contemporânea diz que esse deve ser o modelo de mãe a ser seguido, uma vez que, para o discurso hegemônico, a mãe deve proteger, cuidar e se sacrificar pelo seu filho. Porém, segundo Badinter (1985), o amor é um construto cultural, de acordo com a convivência, ou seja, a maternidade é uma afinidade entre mãe e filho que se constrói com a convivência.

Outro ponto a ser destacado nesse artigo é a compreensão do conceito “mulher” na contemporaneidade, e para isso utilizamos o texto *Reflexões em torno de gênero e feminismo* de Adriana Piscitelli, que passa a ser um conceito distante da configuração dos movimentos feministas em sua versão clássica. Assim, o debate feminista a partir das décadas de 1920 e 1930, conhecido como “primeira onda feminista”, começou sua caminhada em favor dos direitos das mulheres. Nesse período, as mulheres conseguiram o direito ao voto, à propriedade e ao acesso à educação. A partir da década de 1960, o pensamento feminista era de que todas as mulheres são oprimidas em razão do seu sexo e para que as mulheres conseguissem se libertar seria necessário o controle sobre a reprodução. A “terceira onda do feminismo”, a partir dos anos 1970, afirma que a supremacia dos homens sobre as mulheres não seria mais através do fator biológico e sim cultural, ou seja, a causa da subordinação feminina não seria mais uma imposição natural.

Na contemporaneidade, o debate feminista é bem diferente do feminismo radical de outras décadas, ele propõe uma retomada da categoria mulher através da união desse grupo contra às opressões que surgem pelo seu pertencimento de gênero. Agora propõe-se uma política de união entre as diversas vertentes feministas, como aquela formada pelo grupo das mulheres de classe baixa, etc. Cada grupo com suas particularidades, pois ao mesmo tempo que as mulheres têm experiências semelhantes, elas podem ter experiências divergentes. Segundo Piscitelli (2004, p. 20), “não se trata de pensar em “mulheres como tais”, ou “mulheres nas sociedades patriarcais”, mas em “mulheres em contextos específicos”, possibilitando o reconhecimento de diferenças entre as mulheres, e também as semelhanças.

No conto *A Caolha*, é evidenciada a sensibilidade da protagonista ao ser discriminada não apenas pela sociedade, mas também por seu filho, assim como a luta e a emancipação dessa mulher a partir da exclusão e do preconceito vivenciado por ela em uma sociedade conservadora.

2 Júlia Lopes de Almeida: uma escritora muito além de seu tempo

A escritora Júlia Lopes de Almeida, uma das primeiras romancistas brasileiras, nasceu no Rio de Janeiro, em 1862, e morreu no ano de 1934. Ela foi cronista, contista e romancista. Começou seu trabalho aos 19 anos, em um período

no qual a mulher pouco podia participar da vida intelectual. Publicou também alguns contos infantis com sua irmã. O pai de Júlia Lopes, além de professor, era dono de um colégio para meninas e sempre foi quem mais incentivou a filha a seguir a carreira de escritora.

Desde muito nova começou a apresentar talento para escrever. Era uma mulher à frente de seu tempo, manifestando publicamente suas ideias e procurando analisar a situação da mulher em um período no qual a discriminação por gênero era muito frequente. Júlia Lopes foi uma grande escritora da literatura do final do século XIX e início do XX, e apesar de não ter sido destacada na literatura brasileira da época, seu nome foi bastante celebrado. Nos textos que escrevia, ela deixava claro que deveria haver lutas por mudanças na situação da mulher na sociedade. As ideias que ela apresentava eram revolucionárias para a sua época, pois sua luta se referia aos direitos da mulher principalmente aos estudos (MENDONÇA, 2003).

Júlia Lopes escreveu também literatura infantil e obras voltadas para o público feminino e também apoiou a república e a abolição. Isso mostra o quanto ela estava à frente, porém de algum modo, fazia uma literatura mais apropriada para mulheres escritoras na época. Isto é, uma literatura que, embora já apresentasse questões importantes sobre os direitos da mulher, ainda mantinha alguns valores da sociedade patriarcal, exemplo disso é sua obra intitulada *O Livro das Noivas e Maternidade*, em que aborda os chamados “assuntos femininos”.

O livro *A (in)visibilidade de um legado – seleta de textos dramáticos inéditos de Júlia Lopes de Almeida*, de Michele Asmar Fanini, lançado recentemente, resgata obra da escritora e, segundo afirma em sua pesquisa, Júlia Lopes foi a escritora mais publicada na Primeira República (1889-1930). A escritora foi a única mulher a fazer parte do grupo que fundaria a Academia brasileira de letras, mas seu nome foi excluído. A ABL foi fundada em 1897, e somente permitiu que uma mulher fizesse parte dos seus membros em 1977, quando Rachel de Queiroz foi eleita a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia. “Júlia Lopes de Almeida foi o primeiro e mais emblemático vazio institucional produzido pela barreira de gênero” (FANINI, 2017, não paginado).

Júlia Lopes, pertencia a uma família de classe média e foi além das limitações superando as barreiras do lugar feminino na sociedade brasileira. Ela se equilibrava entre uma luta por mudanças, visto que veio de uma família aristocrata e foi casada com um escritor.

3 A Caolha: o amor maternal e a superação no conto de Júlia Lopes de Almeida

O conto *A Caolha* narra a história de uma mulher com uma deficiência física no olho esquerdo. A personagem principal, descrita com uma aparência assustadora, sequer possui um nome. Sua deformidade é o que a caracteriza diante dos demais personagens, como os vizinhos, o filho e a nora que a enxergam como

uma caolha. Embora fosse reprimida e discriminada, era uma mulher forte, pois criou seu filho sozinha e com o pouco dinheiro que recebia como lavadeira:

A caolha era uma mulher magra, alta, macilenta, peito fundo, busto arqueado, braços compridos, delgados, largos nos cotovelos, grossos nos pulsos; mãos grandes, ossudas, estragadas pelo reumatismo e pelo trabalho; unhas grossas, chatas e cinzentas, cabelo crespo, de uma cor indecisa entre o branco sujo e o louro grisalho, desse cabelo cujo contato parece dever ser áspero e espinhento; boca descaída, numa expressão de desprezo, pescoço longo, engelhado, como o pescoço dos urubus; dentes falhos e cariados. (ALMEIDA, 2001, p. 49).

A despeito de sofrer preconceitos devido à sua aparência, a Caolha não se mostrava preocupada, porque, para ela, o amor do filho era suficiente. Antonico, quando criança, adorava a mãe, porém com o passar do tempo, começou a sofrer discriminação na escola e no trabalho, devido à fisionomia que ela tinha. Todos o insultavam de “o filho da caolha” e, com isso, Antonico foi se afastando cada vez mais de sua mãe e tendo o mesmo sentimento que as pessoas na rua tinham por ela. A situação se agrava no momento em que Antonico se apaixona. A moça impõe que ele abandone a mãe para se casar com ela, afinal, não gostaria de ser vista como a nora da Caolha.

Antonico resolve falar para mãe que mudaria para outro bairro e inventa uma desculpa, porém a mãe percebe a verdadeira intenção do filho e o manda embora de casa. O rapaz, após se arrepender, procura a madrinha para convencer a mãe a perdoá-lo. A madrinha de Antonico era a única amiga que a Caolha possuía e esta acaba por contar a verdade sobre deficiência de sua comadre. Antonico desmaia ao saber que quando criança furou sem querer o olho da mãe com um garfo e que por isso ela apresentava essa deficiência: “eras muito pequeno quando, um dia, ao almoço, levantaste na mãozinha um garfo; ela estava distraída, e, antes que eu pudesse evitar a catástrofe, tu enterraste lho pelo olho esquerdo” (ALMEIDA, 2001, p. 54)

No conto *A caolha*, há a presença da figura materna configurando-se como aquela que se dispõe a anular-se e se entregar inteiramente à família. A tragédia já se encontra demarcada desde o próprio título que nomeia o conto, uma vez que há uma desconstrução da beleza da mulher, de modo a colocar a personagem como a verdadeira culpada pela sua desgraça, pois a protagonista do conto é uma mulher que, além da aparência descuidada, tem uma deficiência física no olho esquerdo que a faz ser repugnante.

Podemos observar que a palavra “Caolha” está com letra maiúscula, como se fosse um nome. Ou seja, a sociedade a reconhece e a determina não pelo nome próprio, mas por sua deformidade. O nome próprio de uma pessoa é sua marca pessoal e uma determinação social. Já Antonico é o único personagem masculino da trama e que possui um nome. Porém, o nome dele é um diminutivo. Como observa o gramático Domingos Paschoal Cegalla “os aumentativos e diminutivos,

juntamente com a ideia de grandeza ou pequenez, exprimem também deformidade, desprezo ou troça. Dizemos, por isso, que têm sentido pejorativo ou depreciativo” (CEGALLA, 1985, p. 131). E ele é um rapaz influenciável, não cresceu, não consegue impor-se diante da noiva. É um contraponto da mãe que é uma mulher forte.

Podemos deduzir que Júlia Lopes queria deixar claro a posição da mulher na sociedade. No conto, a personagem não é reconhecida socialmente, ou seja, ela é discriminada por sua posição e o único nome que aparece é masculino, indicando a superioridade masculina em detrimento do feminino. Contudo, esse nome masculino é escrito por uma palavra diminutiva, contrapondo-se à relevância dada para o homem na sociedade.

O conto apresenta a figura da mãe como aquela que se dedica inteiramente ao filho, descreve a vida de uma mulher que, a despeito de sofrer desprezo por sua aparência, enaltece o sentimento materno através do amor por seu único filho, apesar dos sacrifícios por que tem que passar desde o início para criá-lo sozinha. Essa é outra característica marcante presente no conto, o fato de Caolha ter criado Antonico sozinho, uma vez que, foge dos padrões da sociedade conservadora da época.

Segundo Piscitelli (2004), a partir da luta dos movimentos feministas, a situação de opressão vivida pelas mulheres começou a ser combatida. Esse movimento trouxe importantes mudanças sobre a maneira como as relações entre homens e mulheres eram vivenciadas no mundo. Porém, mesmo com muitas lutas, o preconceito contra a mulher ainda permanece em nossa sociedade. Dessa forma, podemos perceber que Caolha sofre discriminação por ser mulher e sozinha para criar seu filho.

Observa-se também o preconceito quanto à aparência física dessa mulher, focando particularmente no olho esquerdo e na secreção que dele saía, causando repulsa às pessoas que com ela conviviam:

O seu aspecto infundia terror às crianças e repulsão aos adultos; não tanto pela sua altura e extraordinária magreza, mas porque a desgraçada tinha um defeito horrível: haviam lhe extraído o olho esquerdo; a pálpebra descera mirrada, deixando, contudo, junto ao lacrimal, uma fístula continuamente porejante. Era essa pinta amarela sobre o fundo denegrado da olheira, era essa destilação incessante de pus que a tornava repulsiva aos olhos de toda gente. (ALMEIDA, 2001, p. 49).

Não obstante o desprezo das pessoas, a Caolha não se abalava com os olhares e comentários maliciosos, já que o que realmente importava era o amor do filho. Tal discriminação só começou a incomodá-la a partir do momento que o filho começa a afastar-se dela. No início ela finge não perceber que Antonico sentia nojo até da comida que ela fazia e continuava a tratá-lo como antes, com muito carinho e dedicação:

Que lhe importava o desprezo dos outros, se o seu filho adorado lhe pagasse com um beijo todas as amarguras da existência? Um beijo dele era melhor que um dia de sol, era a suprema carícia para o triste coração de mãe! Mas... os beijos foram escasseando também, com o crescimento do Antonico! Em criança ele apertava-a nos braços e enchia-lhe a cara de beijos; depois, passou a beijá-la só na face direita, aquela onde não havia vestígios de doença; agora, limitava-se a beijar-lhe a mão! Ela compreendia tudo e calava-se. (ALMEIDA, 2001, p. 50).

Nessa passagem do conto, podemos perceber como o amor materno é enaltecido, ou seja, a mãe que se apaga em prol do filho, suportando tudo, um carinho do filho compensa todos os sofrimentos. Mesmo quando o filho a despreza, ela tenta compreendê-lo. Aqui ficam claros os estereótipos da maternidade que, segundo o discurso hegemônico, indicam que a mãe deve proteger, cuidar e se sacrificar pelo seu filho; porém, segundo Badinter (1985), o amor é um construto cultural, de acordo com a convivência e o contato da mãe com a criança, sendo a maternidade uma prática sociocultural e não um instinto.

Os sentimentos vivenciados pela personagem vão desde o sofrimento pelo desprezo do filho ao amor materno que, apesar de sofrer, passa por cima de tudo e perdoa. Para ela, a única pessoa que realmente importava era Antonico, ao qual sua felicidade estava vinculada. A Caolha, ainda que repudiada por sua condição física, é exaltada no papel de mãe que suporta tudo por amor ao filho.

Segundo Badinter (1985), o amor materno não é algo natural, que nasce com a mulher e nem toda mulher nasce para ser mãe. Portanto, na visão da autora, o amor materno deve ser conquistado através da convivência, no dia a dia, ou seja, o amor inato seria um mito. Para Badinter, o amor materno pode sofrer transformações ao longo dos anos e influências sociais, culturais, políticas e econômicas.

Dessa forma, Badinter (1985) vai desconstruir o caráter natural que foi atribuído ao papel de mãe e de amor materno, porque, para a autora, muitas são as influências que afetam o desenvolvimento e o caráter de uma pessoa, como a família, classe social e o meio em que a pessoa vive. Tais influências intervirão sobre as decisões, atitudes e construção de caráter; assim, o que são valores éticos e morais para algumas pessoas podem não ser para outros e isso não faz de um ou de outro melhor ou pior. Para ela, a sociedade atribui esse comportamento à mulher, já que está sempre à espera de um comportamento ideal de mãe atrelado às suas necessidades, ou seja, seria uma forma de manter a mulher 'dentro de casa', fora do mercado de trabalho e das decisões políticas.

Nesse sentido, as atitudes da personagem Caolha reforçam o discurso hegemônico no qual a mãe deve sacrificar sua vida pelo filho, reforçando o estereótipo de mãe, aquela mulher que tolera tudo em nome do amor pelo filho; porém, segundo Badinter (1985), a maternidade é uma prática sociocultural e não um instinto. Apesar da imagem que temos da personagem, como sendo uma

mulher triste, muito sofrida e solitária, percebe-se uma grande alegria através de seu filho Antonico. Suas atitudes, além de remeterem ao papel social que ela cumpre, elevando o amor materno ao mais celestial dos amores terrenos, surgem também por se sentir culpada pelo que aconteceu com seu olho, ou seja, acredita ser sua a falta de atenção a culpada pelo machucado.

Já o personagem Antonico sofre desde a infância com as chacotas dos colegas. Ele, como todo adolescente, que possui alguma característica peculiar, sofre discriminação por parte das pessoas que com ele convivem:

Os outros riam e chacoteavam-no; ele se queixava aos mestres, os mestres ralhavam com os discípulos, chegavam mesmo a castigá-los - mas a alcunha pegou. Já não era só na escola que o chamavam assim. Na rua, muitas vezes, ele ouvia de uma ou outra janela dizerem: o filho da caolha! Lá vai o filho da caolha! Lá vem o filho da caolha! Eram as irmãs dos colegas, meninas novas, inocentes e que, industriadas pelos irmãos, feriam o coração do pobre Antonico cada vez que o viam passar! (ALMEIDA, 2001, p. 50).

A vergonha que Antonico sente de sua mãe e a necessidade de conviver diariamente com essa situação são conflitos vivenciados por ele, que fazem com que o rapaz aceite a exigência da namorada, preferindo magoar a mãe para satisfazer um desejo dela. Pode-se classificá-lo como sendo uma pessoa frágil ou mesmo covarde, pois, apesar de gostar da mãe, ele não é capaz de se impor diante da namorada e cede ao que ela quer.

Antonico é uma pessoa fraca e, ao conhecer outra mulher e apaixonar-se por ela, o amor filial perde espaço para o amor sensual, ou seja, inicia-se um novo conflito em sua vida, no qual a mãe perde seu espaço para a namorada. Essas novas atitudes do rapaz, mais uma vez, indicarão sua personalidade instável e vulnerável.

Antonico se apaixonou e começa a namorar, essa paixão será decisiva na separação entre mãe e filho, pois a namorada impõe como condição para se casarem que o rapaz abandone sua mãe, uma vez que não queria ser conhecida como a nora da Caolha: “não se poderia sujeitar a ser alcunhada em breve de – nora da caolha, ou coisa semelhante!” (ALMEIDA, 2001, p. 52). Então, Antonico resolve afastar-se de Caolha inventando-lhe uma desculpa, mas a mãe, ao perceber, fica furiosa e o expulsa de casa, apesar da dor que sentia.

No parágrafo acima, podemos perceber que ao expulsar o filho de casa a personagem toma uma atitude que não seria aceita socialmente, todavia, como vai nos indicar Badinter (1985), o amor é edificado de acordo com a convivência, em outras palavras, a maternidade seria uma prática sociocultural e não um instinto. Dessa forma, a experiência materna sofrerá influência de diversas ordens como, por exemplo, o contexto social que circundam. Nesse sentido, o relacionamento entre a Caolha e seu filho, Antonico, estava cada vez mais insustentável, a ponto da mãe chegar ao limite e expulsá-lo de casa, tomando uma atitude considerada drástica na visão de muitos, mas, que para ela seria a única solução.

Ao expulsar seu filho de casa, a personagem Caolha rompe com os padrões impostos socialmente. É uma mudança radical. A mãe até então tinha suportado tudo do filho, o nojo da comida, os beijos que escassearam, a vergonha. Mas chega um momento em que isso não é mais possível. Essa ruptura surge justamente quando Antonico cede à pressão da noiva e resolve afastar-se de vez da mãe. Caolha, nesse momento, ao perceber que estava sendo “trocada” por outra mulher não suporta e resolve expulsar o filho de casa, pois conseguia conviver com o descaso do filho, uma vez que ele estava junto dela. Mas ao sentir-se “trocada” e abandonada, seu sofrimento ultrapassa todos os limites e barreiras que uma mãe pode suportar.

Antonico apesar de aparentar ser um jovem forte, é frágil e esconde sua fraqueza atrás de sua valentia:

Depois disso passou um tempo em casa, ocioso, magro, amarelo, deitado pelos cantos, dormindo às moscas, sempre zangado e sempre bocejante! Evitava sair de dia e nunca, mas nunca, acompanhava a mãe; esta poupava-o: tinha medo que o rapaz, num dos desmaios, lhe morresse nos braços, e por isso nem sequer o repreendia! (ALMEIDA, 2001, p. 51).

Com relação à madrinha, observa-se a grande importância dessa personagem secundária para o desfecho do conto. Na tradição, madrinha é aquela que substitui a mãe e, no conto, é ela quem chama a atenção de Antonico. A madrinha por estar um pouco mais distanciada é capaz de ver melhor a situação e contrariada resolve contar o segredo da amiga, revelando ao afilhado que ele foi o causador de todo o sofrimento da mãe:

Olha, rapaz! Quem cegou a tua mãe foste tu!

O afilhado tornou-se lívido; e ela concluiu:

– Ah, não tiveste culpa! Eras muito pequeno quando, um dia, ao almoço, levantaste na mãozinha um garfo; ela estava distraída, e antes que eu pudesse evitar a catástrofe, tu o enterraste pelo olho esquerdo! Ainda tenho no ouvido o grito de dor que ela deu! (ALMEIDA, 2001, p. 54).

Considerações finais

A partir da análise feita, é possível observar que o conto aborda temas relacionados à maternidade como ingratidão, abnegação e o amor incondicional de uma mãe, visto que a protagonista embora sofra desprezo de seu próprio filho, ama-o acima de tudo. Essa afirmativa é possível de ser verificada no conto quando a personagem aceita o desprezo de Antonico, assim como ignora o preconceito da sociedade, pois para ela o que realmente importava era a felicidade do filho.

Observamos também o preconceito vivenciado pela protagonista do conto devido ao gênero, uma vez que ser mulher e ter que criar o filho sozinha em uma sociedade conservadora é algo muito difícil.

Considera-se que esse estudo contribuiu para o conhecimento sobre o papel da mulher como sinônimo de mãe, aquela que renuncia a sua própria felicidade em função da felicidade e bem-estar do filho. Uma mulher que apresenta força para resistir diante das adversidades e humilhações e, ao mesmo tempo muita perseverança para trabalhar e educar seu filho, características típicas de uma verdadeira mãe, conforme preconizava a sociedade do início do século XX. Observamos também que a autora, embora descortine levemente esse preceito social ao mostrar um homem frágil em contraponto a uma mulher forte, acaba por reforçar esse paradigma.

Referências

ALMEIDA, Júlia Lopes de. A Caolha. In: MORICONI, Ítalo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 49-54.

BADINTER, E. *Um Amor Conquistado: o mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática de Língua Portuguesa*. 26. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

FANINI, Michele Asmar. *Escritora mais publicada da Primeira República foi vetada na ABL*. Disponível em: <<http://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/escritora-mais-publicada-da-primeira-republica-foi-vetada-na-abl/>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

MENDONÇA, Cátia Toledo. Júlia Lopes de Almeida: a busca da liberação feminina pela palavra. *Revista Letras*, Curitiba, n. 60, p. 275-296, jul./dez. 2003.

PISCITELLI, Adriana. Reflexões em torno de gênero e feminismo. In: LIMA COSTA, Claudia de; PEREIRA SCHMIDT, Simone (Org.). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004. p. 43-67.

Para citar este artigo

MESQUITA, Lucimara Grando; SACRAMENTO, Ozana Aparecida do; MAIA, Janaina Faria Cardoso. O amor incondicional no conto “A Caolha”, de Júlia Lopes de Almeida. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 7, n. 1, p. 181-192, jan.-abr. 2018.

Lucimara Grando Mesquita possui graduação em Letras – Português/Espanhol pelo Instituto Federal do Sudeste de Minas *campus* São João Del Rei (2017). Atualmente é pós-graduanda em Didática e trabalho docente pelo Instituto Federal do Sudeste de Minas *campus* São João Del Rei.

Ozana Aparecida do Sacramento possui especialização em Literatura Brasileira pela PUC-MG mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais e doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais.

Janaina Faria Cardoso Maia é especialista no Ensino da Língua Espanhola pela Faculdade do Noroeste de Minas – FINOM (2012), possui graduação em Letras – Português/Espanhol pelo Centro Universitário de Formiga (2008). Atualmente, é professora efetiva do Curso de Letras-Português/Espanhol do Instituto Federal do Sudeste de Minas *campus* São João Del Rei.